

## CAPÍTULO V

---

### AS ARTES DA PESCA DA FREGUESIA DA ORTIGA-MAÇÃO (MÉDIO TEJO) PORTUGAL: A MUSEALIZAÇÃO COMO CONTRIBUTO PARA O ENRIQUECIMENTO DAS PAISAGENS CULTURAIS





# AS ARTES DA PESCA DA FREGUESIA DA ORTIGA-MAÇÃO (MÉDIO TEJO) PORTUGAL: A MUSEALIZAÇÃO COMO CONTRIBUTO PARA O ENRIQUECIMENTO DAS PAISAGENS CULTURAIS

Luís Mota Figueira<sup>1</sup> (lmota@ipt.pt), Cecília Baptista<sup>1</sup> (cecilia@ipt.pt),  
João de Matos Filipe<sup>2</sup> (joaomatosfilipe@gmail.com), Arlindo Consolado<sup>2</sup> (dragaoortiga@gmail.com)

<sup>1</sup>Instituto Politécnico de Tomar, Campus da Quinta do Contador - Estrada da Serra, 2300-313 Tomar, Portuga. <sup>2</sup>Centro Etnográfico de Ortiga (CEOGA) do Museu Municipal de Mação, Travessa da Lomba, nº 2, 6120-000 Ortiga, Portugal.

## RESUMO

Os rios enquanto recursos naturais propiciam diferentes atividades e geram economia em cada época histórica, apresentando alterações antrópicas visíveis, condicionando a paisagem natural e o desenvolvimento da cultura das comunidades envolventes. O território desenvolve-se através das pessoas e das suas capacidades (sob sistemas organizacionais tais como instituições públicas, empresas privadas e associações das mais variadas temáticas). As populações locais são detentoras de conhecimento tácito que importa compreender, resgatar e tornar duradouro e útil para as gerações vindouras. O Centro Etnográfico de Ortiga – CEOGA, tem por função estudar e divulgar o património local, bem como a produção de conhecimento explícito. Este trabalho analisa a cultura da produção de barcos e utensílios de pesca na Ortiga, município de Mação. A musealização das artes da pesca do rio Tejo nesta Freguesia segue uma estratégia em que a triangulação Território-Pessoas-Organizações se enquadra na sustentabilidade Ambiental, Social e Económica. Os barcos “picaretos” criados na cultura tácita do povo local num passado recente servem como modelo de transposição de conhecimento tácito para conhecimento explícito.

**Palavras Chave** – artes e ofícios da pesca; património; museologia; conhecimento tácito e explícito.

## INTRODUÇÃO

Os recursos locais são utilizados pelas comunidades como elementos fundamentais à sua fixação no território. Os recursos hídricos são muito

**The fishing gears of Ortiga-Mação (Middle Tejo, Portugal): The musealization as a contribution to the enhancement of cultural landscapes**

## ABSTRACT

The rivers, as natural resources, provide different activities and generate savings in each historical period, showing visible anthropogenic changes, affecting the natural landscape and cultural development of local communities. The territory develops through people and their capabilities (in organizational systems such as public institutions, private companies and different associations). Local communities are holders of tacit knowledge that is important to understand, rescue and make lasting and useful knowledge for future generations. The tasks of Ortiga’s Ethnographic Centre – CEOGA are the local heritage’ study and dissemination, as well as, the production of explicit knowledge. This work culturally analyses the production of boats and fishing arts and crafts at Ortiga (municipality of Mação). The arts of fishing museology in this region of River Tagus, follows a strategy in which the triangulation Territory-People-Organizations fits the Environmental, Social and Economic sustainability parameters. The boats named “picaretos”, created by the tacit culture of the local people in the recent past, serve as a model to convert tacit knowledge into explicit knowledge.

**Keywords** – fishing arts and crafts; heritage; museology; tacit and explicit knowledge.

sensíveis à ação humana e registam de modo claro a passagem do tempo (SILVA, 2000; SILVA, 1891). Os rios sofrem com o desenvolvimento ao longo dos séculos e com as alterações antrópicas próprias de cada época (HERCULANO, 1987). A título de exemplo, pode ver-se a Pesqueira do Rabo

Longo (Figura 1), de construção anterior ao século XVI, tendo por fundo a Barragem de Belver, em Ortiga – Mação, construída nos anos 50 do século XX.



**Figura 1.** Pesqueira do Rabo Longo. Uma das vinte e duas atualmente existentes ao longo da margem direita do rio, em Ortiga-Mação.

Esta cultura material também sofreu alterações ao longo dos tempos, que no contexto da contemporaneidade merecem atenção especial, dado que são elementos raros na paisagem cultural local (CAUQUELIN, 2008). O território desenvolve-se através das pessoas e das suas capacidades, sob sistemas organizacionais tais como instituições públicas, empresas privadas e associações das mais variadas temáticas. As comunidades utilizam os recursos naturais disponíveis de acordo com as vivências e necessidades (MILLER Jr., 2001) dos ciclos de vida em sociedade (Figuras 2 e 3). Há espaço para a educação cívica, ambiental e patrimonial (natural e cultural), bem como para a criação e divulgação de conhecimento, numa interação permanente entre a linguagem tácita e a linguagem explícita. As populações locais, depositárias de conhecimento tácito, são alvos privilegiados para abordagens de transformação dos seus conhecimentos tácitos em linguagem e conhecimentos explícitos.

No âmbito da conservação do património, a fixação do conhecimento oral e das manualidades das artes e ofícios na forma de fichas técnicas e/ou outros tipos de suportes informativos é fundamental em qualquer abordagem de valorização patrimonial desses tipos de saber, porque com o desaparecimento das pessoas portadoras desse conhecimento (facto que se integra no ciclo da vida humana) é todo um universo individual e

comunitário de competências de relação com o meio ambiente que também desaparece (FILIPE, 2009).

A comunicação eficaz ao criar-se localmente e ao objetivar-se na produção de conhecimento sobre a realidade local sustenta, tanto o Dever de Memória, quanto a Ética da Participação, como suscita MENDES “Quanto mais uma sociedade, como grupo, deseje fortalecer a sua identidade, mais importância atribuirá à sua história” (1987).



**Figura 2.** Pesqueira da Barreira: a importância da Pesqueira e do Rio no contexto social da época (anos 50).

Os museus de iniciativa local promovem o desenvolvimento de base comunitária, salvaguardam e enriquecem paisagens culturais únicas requalificando, com as suas atividades, os Modos de Estar Culturais que, fomentando a interação permanente, desencadeiam e cimentam relações, criam compromissos de futuro e animam economias locais (CESPOGA, 2013).



**Figura 3.** A importância do Rio na comunidade: Rapazes das “Sortes” rio Tejo - Ortiga, 1967.

A musealização das artes da pesca e da

etnografia do rio Tejo da Freguesia da Ortiga, do concelho de Mação e sub-Região do Médio Tejo segue uma estratégia em que a triangulação Território-Pessoas-Organizações se enquadra na sustentabilidade Ambiental, Social e Económica (ICOM, 2004). Prova disso é a dinâmica criada e a mudança positiva que a paisagem envolvente vai registando, no reforço da identidade de um rio que, povoado de “*barcos picaretos*”, criados na cultura tácita do povo local num passado recente, se pretende, em sede de projeto partilhado, citar e reativar, como testemunho presente e aliado para o futuro, unindo conhecimento tácito ao conhecimento explícito.

O presente artigo condensa a descrição do trabalho desenvolvido na musealização das artes e ofícios da pesca em Ortiga. Propõe uma reflexão sobre a forma de valorização do conhecimento popular (conhecimento tácito) e sua fixação museológica através do uso do conhecimento académico (conhecimento explícito). A transferência do saber-fazer da construção de barcos, utensílios de pesca e respetivos contextos de cultura material e imaterial, para o saber-saber que haverá de estar exposto aos vários públicos-alvo do CEOGA-Centro Etnográfico de Ortiga para exploração cultural e fruição turística, faz parte dos conteúdos centrais desta reflexão agora editada.

## MATERIAL E MÉTODOS

Esta secção aborda, em primeiro lugar, o território estudado e, em seguida, centra-se nos recursos naturais daquela região e no modo como se

organizavam na terra e no rio as tarefas piscatórias, com destaque preferencial para a concepção e técnica de construção do barco “*picareto*”. Nesta lógica o método principal foi a recolha da técnica de desenho e construção do barco e a sua transposição para uma linguagem de desenho técnico formal. Deste modo garante-se a permanência de um conhecimento popular e do seu estudo sistemático no domínio do conhecimento erudito.

### *Território em Análise*

O território que o presente trabalho aborda insere-se no Centro de Portugal, mais concretamente na região do Médio Tejo (Figura 4). A freguesia de Ortiga-Mação situa-se na margem direita do Rio Tejo (Figura 5) e constitui o território a museografar pelo Centro Etnográfico da Ortiga (CEOGA), enquanto Núcleo Autónomo do Museu Municipal de Mação.

83



**Figura 4.** Localização do território em análise.

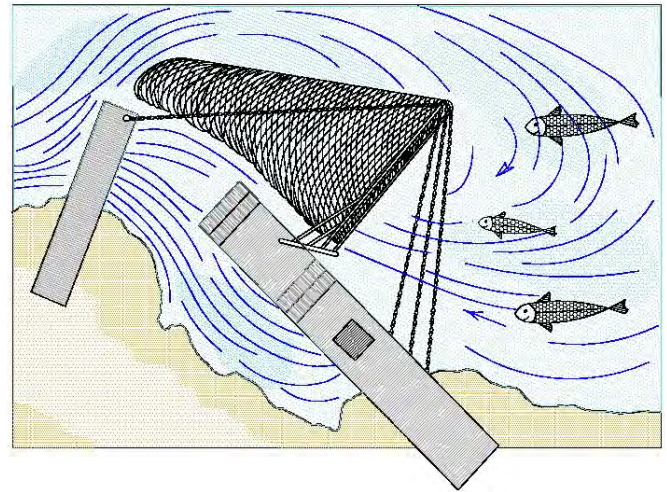


**Figura 5.** Espaço do rio Tejo, cuja margem direita é território da freguesia de Ortiga-Mação.

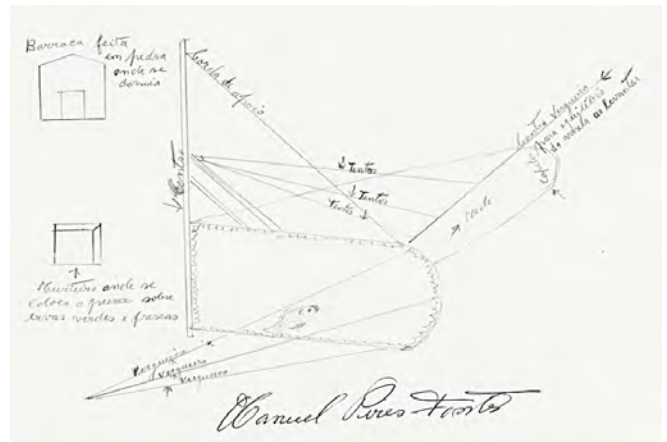
**Recursos Naturais, Cultura Material e Construção de Barcos**

Ao longo dos anos o recurso hídrico mais importante da região, o rio Tejo, foi sendo aproveitado de acordo com as necessidades específicas das comunidades taganas. Para além das azenhas, uma outra edificação marcava as margens do rio, muito em particular, para montante de Abrantes - as pesqueiras. Estas, visando o objectivo da ação de pesca com recurso à varela, dado que estavam sujeitas à forte impetuosidade das águas do rio, aquando das inevitáveis cheias, obedeciam a uma técnica de construção, designada por pedra ao alto, muito resistente ao impacto da corrente. Esta técnica, até ao século XVI, era somente utilizada no território da Ortiga (MOREIRA, SEIXAS & DIAS, s/d). Esta singularidade do saber construtivo dos antigos pescadores e construtores de barcos e utensílios da pesca mas, também, da técnica de construção de edificadros como as pesqueiras demonstram, merece destaque, também por outras razões. Aquando da execução do projeto Filipino de navegabilidade do rio Tejo (1582), Antonelli utilizou esta mesma técnica na construção dos Caminhos de Sirga até Espanha e em Mouriscas, na construção do Canal de Alfanzira (FILIPE, 2012). Esta forma de construir respondeu a duas necessidades basilares da sociedade da época: as vias de comunicação e a alimentação. A resistência desta tipologia construtiva ao passar do tempo também se poderá registar pela operacionalidade, que passados séculos de construção, ainda muitas delas registam. A posterior necessidade absoluta de produção de energia eléctrica conduziu à construção das barragens hidroelétricas, sendo a Barragem de Belver, em Ortiga, a primeira, de fio de água, a ser construída em Portugal nos anos 50 do século XX.

As pesqueiras eram compostas, na maioria dos casos, por dois elementos essenciais à sua função: a pesqueira propriamente dita e o dente da pesqueira. Este último era construído a montante da pesqueira e em posição frontal à corrente central do rio, funcionando como obstáculo à deslocação da água e, deste modo, provocando a jusante uma corrente contrária aquela, muito mais calma, elemento que era aproveitado por todas as espécies piscícolas no seu percurso de subida do rio (Figura 6). Esta corrente é designada por remanso da pesqueira.



**Figura 6.** Planta da pesqueira elaborada pela Arq<sup>a</sup> Elsa Severino.



**Figura 7.** Varela – desenho do calafate Manuel Pires Fontes.

A varela era utilizada como armadilha de espera para captura das espécies piscícolas durante os seus movimentos habituais e de migração. Trata-se de um equipamento artesanal de fácil construção e manuseamento que instalado numa pesqueira, permitia o aproveitamento da corrente favorável ao movimento de arribação, por se localizar no final do remanso (Figuras 7 e 8). A varela consiste numa construção de madeira composta por um montante vertical, designado por contro, ao qual está acoplado um anel aproximadamente elíptico, ao qual se liga um saco de rede destinado à captura do peixe. O sistema está dotado de elementos de detecção manual da presença do peixe – os tentos. Estes elementos são simples cordéis que o pescador segura e através dos quais, pelo tato, sente a presença do peixe na rede. Nessa circunstância, o pescador usa a base de apoio do contro na pesqueira para alavancar o sistema e ter acesso ao pescado. É de realçar que se trata de um processo

económico, eficiente e muito eficaz. A forma da varela tem-se mantido ao longo dos tempos, porque representa uma forma definitiva ditada pela experiência e, por isso, não necessita de melhoria.



**Figura 8.** Axonometria da pesqueira elaborada pela Arq<sup>a</sup> Elsa Severino.

Tendo em consideração que as artes e ofícios tradicionais utilizam os materiais locais, o barco “picareto” é uma embarcação específica de trabalho nesta zona do rio Tejo que representa a evolução da arte de trabalhar madeira na construção naval local. Esta tipologia construtiva só se encontra nesta zona do rio Tejo, a montante de Abrantes.



**Figura 9.** Barco Picareto construído pelo calafate Manuel Pires Fontes.

O “picareto” apresenta características específicas para poder ser utilizado na pesca naquela zona precisa do rio, que apresenta muitos cachões, obrigando assim a que o barco ofereça a menor resistência possível à força da água (FILIPE, 2012). Daí a sua forma peculiar com uma parte dianteira muito afilada e um fundo com face externa não plana, facilitando por um lado, a deslocação na água agitada e por outro, a rotação sobre si mesmo, em

ação de pesca (Figura 9). Um dos aspetos do trabalho do calafate é o de fazer o “*planteamento do barco*” numa tábua (Figura 10).



**Figura 10.** Fundo de barco, calculado pelo calafate Manuel Pires Fontes.

No sentido de transformar este conhecimento tácito, pode construir-se uma referência equivalente sob a forma de desenho técnico (Figura 11 A e B).



**Figura 11.** Fundo do barco para uso de profissionais. A: Desenho original do Calafate Manuel Fontes. B: Trabalho de revisão da Arq.<sup>a</sup> Elsa Severino.

A organização do espaço onde decorre a construção do barco está perfeitamente adaptado às necessidades de estaleiro (Figura 12 A e B). Como se pode verificar a particularidade do barco “picareto” para profissionais da pesca reside na criação da “aresta do barco”, artifício que permite

uma melhor exploração da manobra do barco na função da pesca (Figura 13 A e B).

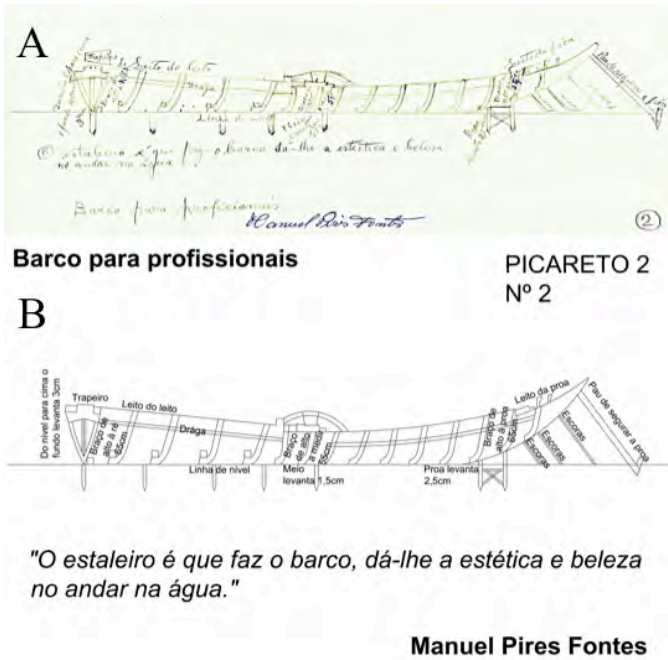


Figura 12. Estaleiro. A: Desenho original do Calafate Manuel Fontes. B: Trabalho de revisão da Arq.<sup>a</sup> Elsa Severino

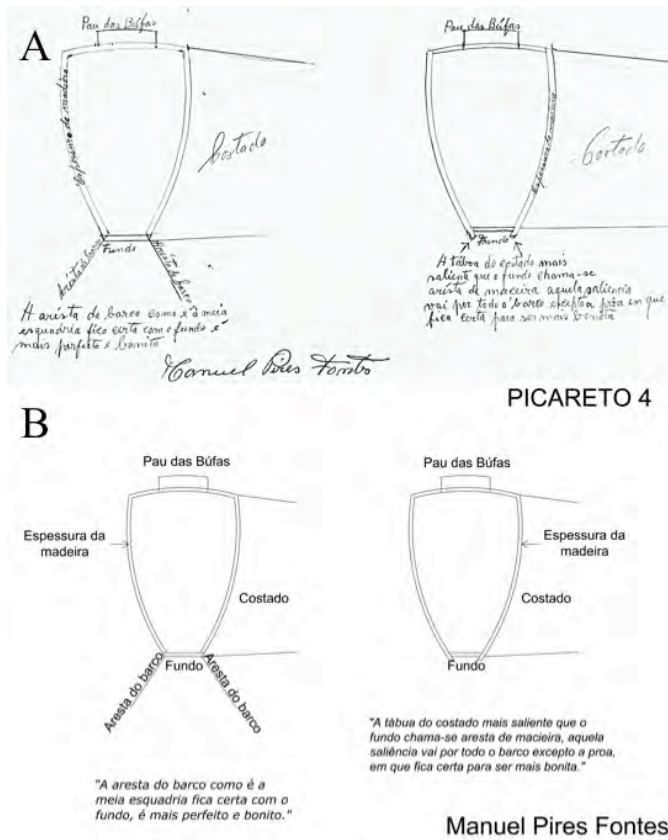


Figura 13. Aresta do barco para Profissionais. A: Desenho original do Calafate Manuel Fontes. B: Trabalho de revisão da Arq.<sup>a</sup> Elsa Severino.

Concluindo, os aprestos necessários à utilização plena da embarcação, tanto o remo quanto o vertedouro e a vara recebem um desenho adequado e aprimorado através do tempo (Figura 14 A e B).



Figura 14. Remo, vertedouro e vara do barco para Profissionais. A: Desenho original do Calafate Manuel Fontes. B: Trabalho de revisão da Arq.<sup>a</sup> Elsa Severino.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da aplicação dos princípios metodológicos anteriormente referidos, recolheram-se dados que pela sua qualidade e quantidade permitiram esboçar uma matriz de análise à relação entre o saber-fazer e o saber-saber. Assim, as evidências empíricas apresentadas resultantes do trabalho do Mestre Calafate, Manuel Pires Fontes, podem entrar na esfera do conhecimento técnico-científico agregando valor aos estudos etnográficos locais.

Tendo em vista a exploração do trabalho produzido em ambiente CEOGA, perspetiva-se uma aplicação museológica que contribua para a valorização e disseminação dos valores interpretativos associados à cultura da pesca fluvial



na Ortiga.

### ***Ortiga – A Musealização como Contributo para a Paisagem Cultural***

A existência da Convenção do Património Mundial, Cultural e Natural (UNESCO, 1972) apresenta objetivos muito claros no que respeita à salvaguarda dos recursos endógenos (naturais e culturais). Deste modo, a procura de garantia de defesa jurídica, administrativa e técnica dos bens naturais e culturais envolve domínios tais como a identificação geográfica, descrição das características de cada bem inventariado, bem como da proteção, da conservação, do estudo e da disseminação dos valores gerais e particulares, constituintes dos bens e seus contextos. A doutrina que a convenção aponta, a educação e formação a par da ampla divulgação dos valores das paisagens culturais são eixos que sustentam a transmissão dos mesmos em sociedade e, ainda mais relevante, à sociedade do futuro. A transmissão dos Valores é realizada de vários modos, através do contributo da Escola (no seu sentido mais lato) e das instituições de salvaguarda do património (com destaque especial para o papel dos Museus). A especificação de elemento patrimonial de “Valor Universal Excepcional” (VUE), assegurada pela doutrina e aplicação prática da UNESCO, está sobretudo relacionada com a categorização da designada “Paisagem Cultural” expressão que passou a ser densificada desde que o Comité do Património Mundial decidiu propô-la em 1992. Na apreciação da paisagem da Ortiga, embora esta não se possa considerar como espaço passível de receber a designação de Paisagem Cultural no sentido pleno da doutrina UNESCO, será interessante utilizar parte das orientações contidas na convenção já referida. Esta opção foi decidida, credita a preparação do trabalho e permite pensar futuro para esta linha de investigação. Deste modo, poderemos referir a importância do que designamos por “Valores Naturais” e por “Valores Culturais”. Nesta lógica a bacia hidrográfica do rio Tejo e sua composição geomorfológica, bem como as componentes florísticas e faunísticas constituem o conjunto dos “Valores Naturais” que implicam classificação e descrição sob inventário. Do mesmo inventário farão parte os elementos edificadas (com especial referência para as pesqueiras) e para os apoios às

artes e ofícios da pesca, bem como o aglomerado populacional da aldeia. De igual modo, o levantamento dos utensílios das artes da pesca e da produção dos aprestos desta arte, com especial atenção à construção do barco “picareto” e da envolvente humana e tecnológica que lhe está associada, condensam os “Valores Culturais” (NETO & MARQUES, 1958). As actividades da terra e do rio tais como agricultura, pesca, gastronomia, festividades, entretenimento e cultura folclórica, vida social e rituais comunitários antigos e contemporâneos são importantes nesta dimensão da paisagem cultural. Os ciclos climáticos, com atenção ao da precipitação que ocorre durante parte do ano e ao do estio mais ou menos prolongado, são reguladores naturais que as artes e ofícios e outros aspetos culturais desenvolvidos na aldeia ilustram através das colecções do futuro Centro Etnográfico da Ortiga – CEOGA. Desta forma, a ligação memorial da paisagem antiga com a vivência da paisagem contemporânea é um imperativo que serve de base de orientação à Visão, à Missão e à Estratégia do CEOGA (FADIGAS, 2007).

Usando da mesma metodologia de orientação e escolhendo-se como base os critérios inseridos na Lista do Património Mundial (UNESCO, 2012) a musealização do CEOGA reflete essa opção. Assim, seguindo o padrão geral das Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial, os critérios que elegemos para adaptação ao nosso estudo, são os seguintes:

1. Fundamentação da intervenção do CEOGA no domínio da “Paisagem Cultural Evolutiva e Viva” (ligando “Valores Naturais” e “Valores Culturais”) com base nos resultados esperados como impacte da apresentação de 2015 e do artigo de 2016, bem como de eventos futuros para continuidade do projeto;
2. Aceitação de que o caso da Ortiga se poderá inscrever à escala local como testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural (DONKIN, 2001) ou de uma civilização viva ou desaparecida (de que as pesqueiras, os barcos “picaretos” e os saberes técnicos são parte muito relevante);
3. Integração do presente caso de estudo como suficientemente representativo de um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de

conjunto arquitectónico ou tecnológico ou de paisagem, que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana (reservando-se a questão concreta da escala local que segue estes princípios nomeadamente na passagem do conhecimento tácito a conhecimento explícito e aumento da cultura das artes e ofícios da pesca em Ortiga);

4. Consideração, a partir do critério mundial de exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis, a integração da paisagem cultural de Ortiga (acentuando a necessidade de preservação patrimonial de um conhecimento e de utensílios e contextos socioeconómicos em perigo de desaparecimento).

Tendo em consideração que o Projeto Museológico (definindo o Conceito do CEOGA) bem como o Projeto Museográfico (definindo as Coleções e a Exposição permanente bem como, igualmente, o modelo base para as Exposições temporárias e outras Atividades) concorrem para a valorização das artes e ofícios da pesca na Ortiga (FILIPE, 2012) com reflexos na Região e no País, parte significativa do interesse desta iniciativa centra-se no contributo da musealização. Assume-se que a motivação para esta tomada de posição decorre da iniciativa da comunidade local para preservar a sua Memória Coletiva e do que ela significa no processo de desenvolvimento territorial de base comunitária.

O CEOGA insere-se nesta iniciativa como espaço dedicado a esta salvaguarda patrimonial, promove e anima parcerias na bacia hidrográfica do Tejo sobre Cultura e Artes da Pesca, trabalhos rurais, defesa da paisagem natural e cultural do rio Tejo e na recuperação e dignificação da função dos mesteres das artes e ofícios tradicionais. O foco do seu trabalho está posicionado na relação virtuosa entre o Território (Município de Mação e Freguesia de Ortiga), as Pessoas (comunidade residente e ortiguenses que mantêm habitação e interesses na região, embora com primeira habitação no exterior deste território) e Organizações (agregando o Município, a Junta de Freguesia, a Liga Regional de

Melhoramentos da Ortiga e, por maiores razões, o Centro Etnográfico de Ortiga). Este Centro pretende valorizar e promover a identidade cultural e social das comunidades taganas, que tinham na pesca um pilar fundamental para a actividade económica local, como aliás acontecia noutras regiões do país (PEREIRA & BASTOS, 2014). Outro dos seus intuitos consiste em fomentar o aproveitamento do património museológico com a integração ou a criação de circuitos turístico-culturais e roteiros temáticos, constituindo um foco vivo de cultura, não ficando confinado ao interior do seu espaço físico. Não menos importante se afigura a cooperação com os Estabelecimentos de Ensino do concelho e da região, de forma a preservar a cultura identitária da Aldeia e possibilitar que nele se revejam todos os Ortiguenses e Maçaenses.

O CEOGA será, assim, um espaço científico e documental aberto a todos quantos o procurem, no qual o território na sua plenitude – pessoas, coisas e meio ambiente – assume importante papel.

### *Conhecimento Tácito e Conhecimento Explícito*

Consideramos neste estudo como conhecimento tácito a forma de saber-fazer e como conhecimento explícito a forma de saber-saber. A primeira, conhecida como saber popular decorre da formulação de soluções expeditas, espontâneas que experimentadas ao longo do tempo acabam por fixar-se em modelos estáveis, como acontece com as artes da pesca da Ortiga. A solução final é, portanto, resultado da empírea. A segunda forma de conhecimento implica outro processo, porque é resultado de uma formulação de hipóteses e eventuais soluções que decorrem de um projeto não espontâneo, assente no raciocínio e em desenho técnico. A obra do Calafate Manuel Pires Fontes é elucidativa sobre a relação entre domínio tácito e sobre o modo como esse domínio se pode fundir com o domínio explícito do saber patente nos desenhos da Arquiteta Elsa Severino. Os desenhos do Calafate que designamos de “tábuas planteadas”, porque são registos que o construtor anota numa tábuia (necessários à sua consulta enquanto a construção do barco vai avançando) são marcas relevantes que ilustram o seu saber oficial.

Pelo trabalho de campo já realizado e pelas fotografias que se anexam a este texto fica demonstrado que no CEOGA esta abordagem integradora dos dois tipos de saber é credora da atenção da comunidade local e da comunidade científica. Nesta abordagem os aspetos ambientais e económicos, bem como as questões sociais relacionadas com a cultura das artes da pesca, são tratados como elementos de futuro que a musealização pretende assegurar. Produzir conhecimento através da valorização dos recursos endógenos da Ortiga e transferir esse conhecimento agora adquirido para a sociedade envolvente, tanto nos níveis de disseminação geral (divulgação) quanto de disseminação específica (aprofundamento), constitui um dos propósitos principais desta iniciativa. Para futuro e consolidação da missão do CEOGA outros estudos se seguirão, segundo este eixo estratégico de ligação entre comunidade e academia. A musealização é, certamente, um dos meios mais adequados para que o contributo destes estudos tenha efeito desejado no desenvolvimento geral do território que estuda e representa.

## CONCLUSÕES

A salvaguarda do património natural do rio Tejo e do património cultural a ele associado é um assunto que implica a todos os cidadãos e organizações e apresenta uma expressão local e regional mas também se integra na problemática nacional e internacional sobre a defesa e valorização do que se designa por paisagem cultural.

A sustentabilidade (ambiental-social-económica) necessita de suportes e de conteúdos argumentativos para que seja disseminada como conceito e como ação quotidiana. O estudo das artes da pesca de Ortiga apresenta uma forma de abordagem que, como se demonstra, ao conjugar teoria e prática, merecerá certamente uma atenção especial, pela relevância deste tipo de intervenção no âmbito da salvaguarda patrimonial da nossa herança comum.

A recolha de formas de conhecimento tácito como, por exemplo, a construção de barcos é muito relevante para a educação ambiental e patrimonial que se pretende, ao nível do conhecimento formal, escolar e académico.

Este estudo é registo de memória futura sobre o projeto CEOGA que pretende criar novo conhecimento extraído das fontes mais autênticas que estão ao alcance deste projecto de musealização dedicado a um território específico, sem esquecer a envolvente regional, nacional e internacional. Tanto os dados qualitativos, decorrentes da interpretação, quanto os dados quantitativos presentes nas “tábuas planteadas” que deram origem à mesma, se consideram suficientemente claros. A continuidade desta abordagem em modo sistemático e tendo em vista a reunião de artefactos e recolha de dados orais devidamente fixados em suportes multimédia e escritos para uso museológico é, assim, um imperativo que a descoberta e divulgação desta componente da cultura local da Ortiga nos impõe.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAUQUELIN, A. 2008. *A Invenção da Paisagem*. Lisboa: Edições 70.
- CESPOGA. 2013. *Turismo, Património e Territórios: o papel dos enquadramentos legislativos nos desempenhos profissionais*. Newsletter do Centro de Estudos Politécnicos da Golegã.1-3. [http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2012/04/newsletter\\_cespoga\\_jan\\_2013.pdf](http://www.cespoga.ipt.pt/new/wp-content/uploads/2012/04/newsletter_cespoga_jan_2013.pdf) (25.2.2016)
- DONKIN, L. 2001. *Crafts and Conservation – Synthesis Report for ICCROM*. [http://www.iccrom.org/ifrcdn/pdf/ICCROM\\_02\\_CraftsandConservation\\_en.pdf](http://www.iccrom.org/ifrcdn/pdf/ICCROM_02_CraftsandConservation_en.pdf) (25.2.2016)
- FADIGAS, L. 2007. *Fundamentos ambientais do Ordenamento do Território e da Paisagem*. Lisboa: Edições Sílabo.
- FILIFE, J. 2009. Paraíso Perdido – Rastos Obscenos do Progresso. *Voz da Minha Terra*, Mensário das Paróquias de Mação, Ano XXXVII, Nº 430.
- FILIFE, J.M. 2012. *Cultura e Artes da Pesca Tradicional no Rio Tejo, em Ortiga – Mação*. Chamusca: Editorial Jornal “O Mirante”.
- HERCULANO, A. 1987. *Cenas de um Ano da Minha Vida: Apontamentos de Viagem*. 8º volume. Lisboa: Círculo dos Leitores.
- ICOM. 2004. *Como gerir um Museu: Manual*

*Prático*. Paris: ICOM-Conselho Internacional de Museus.

MENDES, J. M. A. 1987. *A História como Ciência*. Coimbra: Coimbra Editora.

MILLER JR., G.T. 2011. *Ciência Ambiental*. Brasil: Cengage Learning, Trad. 11<sup>a</sup> ed. Norte-americana.

MOREIRA, F.M.F.; SEIXAS, S.I. & DIAS, S.M. (s/d). Artes de Pesca no Rio Tejo: Diversidade Atual e Passada. In: *Atas do I Congresso do Tejo: Que Tejo que Futuro? Conhecer o Passado, Intervir no Presente, Construir o Futuro*, 2<sup>o</sup> volume, (s/l). Associação dos Amigos do Tejo.

NETO, L.M. & MARQUES, M. 1958. A Pesca da Varela no Rio Tejo em Ortiga. In: *V Congresso Nacional de Pesca*, Angola.

PEREIRA, O.N.A. & BASTOS, M.R. 2014. O “Estado da Arte” da pesca medieval: o caso da região de Aveiro. In: *Formação e Ocupação de Litorais nas Margens do Atlântico – Brasil/Portugal*, Braspor 2014. Rio de Janeiro: Corbã Editores e Artes Gráficas Ltda (pp.217-229).

SILVA, J.C. 2000. *Abrantes – A Vila e o seu Termo no Tempo dos Filipes (1580-1640)*. Lisboa: Edições Colibri.

SILVA, A.A.B. 1891. *Estado Atual das Pescas em Portugal Compreendendo a Pesca Marítima, Fluvial e Lacustre em todo o Continente do Reino, referido ao Ano de 1886*. Lisboa, Ministério da Marinha e Ultramar.

UNESCO. 1972. *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Nacional*. <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial> (25.2.2016).

UNESCO. 2012. *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*. <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-mundial> (25.2.2016).